



Raposas velhas: o período eleitoral piauiense de 1976 nas páginas d'*O Liberal*

Alessandra Lima dos SANTOS¹

Cláudia Cristina da Silva FONTINELES²

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo analisar as relações, discussões e repercussões na imprensa piauiense a respeito da eleição municipal de 1976. Para isso, a narrativa é construída a partir dos escritos do jornal *O Liberal*, que surgiu quando a censura à imprensa era legalizada pelo Ato Institucional nº 5, mas que se autodescrevia fazendo um jornalismo crítico, político e noticioso. A análise é necessária para compreender a reconfiguração política, as reações e os desdobramentos após as eleições de 1974, que levaram à ascensão do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e à busca por continuidade no poder pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA). O jornal piauiense *O Liberal* desempenhou papel crucial na difusão das narrativas arenistas que levaram às eleições municipais de 1976, cujo objetivo era frear o crescimento eleitoral do MDB e permanecer no controle do estado. Tais discursos são acompanhados em diferentes edições do periódico entre o segundo semestre dos anos de 1975 e 1976.

Palavras-chave: História do Brasil; imprensa; política; ditadura; Piauí.

Old foxes: the 1976 electoral period in Piauí as seen in the pages of *O Liberal*

Abstract:

The present article aims to analyze the relationships, discussions, and repercussions in the Piauí press regarding the 1976 municipal election. To this end, the narrative is constructed from the writings of the newspaper *O Liberal*, which emerged when press censorship was legalized by Institutional Act number 5, but which described itself as conducting critical, political, and newsworthy journalism. The analysis is necessary to understand the political reconfiguration, reactions, and developments following the 1974 elections, which led to the rise of the Brazilian Democratic Movement (MDB) and the quest for continuity in power by the National Renewal Alliance (ARENA). The Piauí newspaper *O Liberal* played a crucial role in disseminating the arenist narratives that led to the 1976 municipal elections, aimed at curbing the electoral growth of the MDB and maintaining control of the state. These discourses are tracked in different editions of the periodical between the second half of 1975 and 1976.

Keywords: Brazilian History; press; politics; dictatorship; Piauí.

¹ Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora de História da rede privada de Teresina. Professora Substituta do Instituto Federal do Piauí (IFPI/Campus Floriano). *E-mail:* alessandralimasts@gmail.com

² Bolsista em Produtividade Científica CNPq/Professora Associada da Universidade Federal do Piauí/Brasil - Departamento de História/Programa de Pós-Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. *E-mail:* claudiafontineles@ufpi.edu.br





Viejos zorros: el período electoral piauiense de 1976 en las páginas de *O Liberal*

Resumen:

El presente artículo tiene como objetivo analizar las relaciones, discusiones y repercusiones en la prensa piauiense con respecto a la elección municipal de 1976. Para ello, la narrativa se construye a partir de los escritos del periódico *O Liberal*, que surgió cuando la censura a la prensa estaba legalizada por el Acto Institucional nº 5, pero que se autodescribía haciendo un periodismo crítico, político y noticioso. El análisis es necesario para comprender la reconfiguración política, las reacciones y los desarrollos después de las elecciones de 1974, que llevaron al ascenso del Movimiento Democrático Brasileño (MDB) y a la búsqueda de continuidad en el poder por parte de la Alianza Renovadora Nacional (ARENA). El periódico piauiense *O Liberal* desempeñó un papel crucial en la difusión de las narrativas arenistas que llevaron a las elecciones municipales de 1976, cuyo objetivo era frenar el crecimiento electoral del MDB y permanecer en el control del estado. Estos discursos se acompañan en diferentes ediciones del periódico entre el segundo semestre de los años 1975 y 1976.

Palabras clave: Historia de Brasil; prensa; política; ditadura; Piauí.

Introdução

A eleição de 1974 foi um marco histórico na política brasileira, com a elevação da bancada emedebista em todo o país, organizada por meio da marcha dos anticandidatos³ promovida pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), em 1973. No Piauí, os jornais locais traziam notícias carregadas de representações pré-selecionadas com o intuito de divulgar a crescente onda política oposicionista ao regime militar brasileiro.

Em meio a derrotas subsequentes nas eleições para o Congresso Nacional – em 1966 e em 1970, além das legislativas de 1972 – o surgimento dos anticandidatos emedebistas e suas viagens de campanha, com o objetivo de denunciarem o sistema autoritário brasileiro e angariar apoio popular, fez com que o “maior partido do Ocidente”, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), temesse a futura voz ativa de oposição do MDB à ditadura civil-militar. Em 1974, o MDB deixou de contar como uma função meramente figurativa de oposição no Senado, apresentando mais de 72% de representação partidária, e 160 deputados federais na Câmara dos Deputados, conquistando 44% dos 364 eleitos (Schmitt, 2000, local. 359).

³ O desejo por um processo eleitoral mais democrático fez com que o grupo de parlamentares do MDB, conhecidos como *autênticos* (grupo de deputados federais emedebistas que possuíam uma oposição mais crítica ao regime militar), encabeçados por Ulysses Guimarães, criasse a anticandidatura para o executivo nacional.



O resultado do MDB provocou uma cisão no domínio da ARENA, deixando de ser uma agremiação política que contribuía para a manutenção das características do regime e passando a competir em proporção com o governo. Em contrapartida, os partidários situacionistas declaravam que a ARENA continuava vitoriosa após o pleito. O senador catarinense Konder Reis, por exemplo, afirmava que as eleições promoveram um “espetáculo democrático” e estabeleceram uma “democracia autêntica”, em que o resultado da manifestação popular nas urnas foi uma resposta a quem negava o “clima de liberdade” desenvolvido pelo governo (*O Liberal*, 23 jan. 1975, p. 3).

A partir da análise das fontes, percebe-se a preocupação governista com a vitória do MDB nas eleições de 1974. Mesmo que a base aliada alegasse o contrário, quando questionada, era um fato existente e preocupante para o pleito seguinte (as eleições municipais de 1976) (*O Liberal*, 23 jan. 1976, p. 1). Assim, é importante compreender a reconfiguração política, as reações e os desdobramentos das eleições de 1974 para a ARENA difundidos pelo jornal piauiense *O Liberal* até as eleições municipais de 1976, com o objetivo de frear o crescimento eleitoral do MDB.

O jornal *O Liberal* passa quase despercebido pelos pesquisadores que utilizam a imprensa como fonte ou como objeto de estudo no campo historiográfico, no período em que o periódico funcionou, entre 1968 e 1976. Foi criado pela jornalista piauiense Maria Edith d’Anunciação Carvalho, meses antes da publicação do Ato Institucional nº 5 (AI-5)⁴, instituído em dezembro de 1968, e autointitulava-se como um “Órgão crítico, político e noticioso”.

Por meio da análise do jornal foi possível observar que seus exemplares, com dimensão gráfica de um tabloide, continham entre seis e oito páginas e apresentavam uma periodização irregular. Em relação ao *layout*, *O Liberal*, no início de seu funcionamento, utilizava mais o recurso da escrita do que de imagens. Raramente recorria ao uso de imagens fotográficas para ilustrar as matérias publicadas no jornal. Somente a partir de 1973, em edições especiais, passou a utilizar a fotografia, geralmente com ênfase a sujeitos da imprensa e da política nacional ou local.

⁴ Em editorial de 1976, Maria Edith d’Anunciação Carvalho aborda o aniversário do jornal e sua data de criação, 12 de julho de 1968 (*O Liberal*, 18/19 jul. 1976, p. 1).

O bissemanário⁵, ao adotar o *slogan* “Se *O Liberal* publicou o fato se passou”, procurava convencer a sociedade de que era um veículo guardião do ideal de imparcialidade na imprensa e um porta-voz da verdade. Ao fazer isso, tentava transparecer a ideia de que suas páginas seriam um espelho da realidade vivida, publicando rigorosamente somente aquilo que de fato tivesse ocorrido. Porém, compreende-se, neste trabalho, que nenhuma linguagem é imparcial e que a imprensa ou a mídia é uma “[...] prática constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais” (Maciel, 2004, p. 15), sendo que “[...] em diferentes conjunturas a imprensa não só assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais, mas muito frequentemente é, ela mesma, espaço privilegiado da articulação desses projetos” (Cruz; Peixoto, 2007, p. 258-259).

Apesar da veiculação permanentemente restrita ao estado do Piauí, principalmente à capital, Teresina, *O Liberal* possuía correspondentes nas cidades de Brasília e da Guanabara – Teresinha de Jesus Carvalho Pessoa e Ricarêdo Martins Castelo Branco, respectivamente. Juntos, eles traziam para as páginas do bissemanário as disputas políticas das duas cidades, principalmente da capital do país, Brasília. Além disso, a partir de 1975, a publicação de matérias de jornais oriundos de diferentes regiões do país passou a ser mais efetiva n’*O Liberal*, principalmente as que discorriam sobre os resultados eleitorais.

Tendo como observação as “relações de poder, conflitantes ou convergentes entre os meios de comunicação e o Estado” (Jeanneney, 2003, p. 224), apresentamos e discutimos neste artigo como *O Liberal* interpretou os antecedentes que levaram às eleições municipais de 1976, em Teresina. Discutimos como *O Liberal* interpretou os debates em torno do MDB e da ARENA após o pleito de 1974 – que elegeu senadores, deputados federais e estaduais – tanto em nível nacional quanto local. Esse período foi marcado pela expansão no número de eleitos pelo MDB e na diminuição do poderio da ARENA em todo o país. No contexto desse processo eleitoral, analisamos, também, como os colaboradores do bissemanário discutiam as reconfigurações políticas no estado, principalmente a manutenção da ARENA no território estadual,

⁵ Caracterizamos o jornal *O Liberal* como um bissemanário devido a sua tiragem ocorrer principalmente duas vezes por semana, sendo raros os momentos com uma circulação maior ou diária. Tal fato só pode ser percebido em três períodos diferentes entre 1970 e 1976.

considerando que sua proprietária, Maria Edith d'Anunciação Carvalho, era filiada à agremiação partidária governista⁶.

O Liberal e as práticas de combate para as legislativas de 1976

Diante do crescimento do MDB e das pressões após as eleições de 1974, a ARENA passou a reagir contra os avanços emedebistas. Em julho daquele ano, o governo conseguiu aprovar no Congresso, mesmo com a retirada da bancada do MDB durante a votação, o Projeto de Lei da Reforma da Propaganda Eleitoral – Lei Falcão⁷. O objetivo era restringir o acesso dos candidatos aos meios de comunicação, impedindo o livre debate que consagrou o MDB, após o governo federal diminuir as restrições ao desenvolvimento das campanhas eleitorais.

Durante a campanha de 1974, os candidatos sofreram menos restrições para utilizar os meios de comunicação. Tal fato redefiniu as campanhas publicitárias para o meio político por meio de uma aproximação entre eleitores e candidatos, além da exposição sobre os problemas da classe trabalhadora e da gestão governamental do Brasil no período (Soares; Tauil; Colombo, 2016).

Com a aprovação da Lei Falcão, a propaganda partidária não poderia mais ser palco de denúncias a respeito do alto custo de vida, do arrocho salarial e dos problemas urbanos sofridos pela população brasileira, como o MDB havia feito no pleito anterior. Com a lei em vigor, a campanha nos meios de comunicação passaria a ocorrer pela divulgação do nome do candidato, de um breve currículo em conjunto com o número e a foto dos concorrentes a cargos políticos, dependendo do veículo de comunicação que era transmitido (Soares; Tauil; Colombo, 2016).

Dessa forma, percebemos que o intuito da Lei Falcão era o impedimento de ações estratégicas de interação dos políticos emedebistas com os movimentos de opinião pública, dos quais haviam se aproximado (Soares; Tauil; Colombo, 2016; Carvalho, 2018). Além dessas

⁶ Maria Edith d'Anunciação Carvalho, como filiada da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), sagrou-se suplente de vereador no pleito municipal de 1970, ano em que a jornalista conseguiu 232 votos na cidade de Teresina (Tribunal Regional Eleitoral do Piauí, 1970).

⁷ Em homenagem ao ministro da Justiça do presidente Ernesto Geisel, Armando Falcão (Soares; Tauil; Colombo, 2016).

restrições à campanha eleitoral, o governo e a ARENA passaram a adotar estratégias de reformulações e união partidária, como a aproximação com os eleitores em diferentes regiões.

Em *O Liberal*, podemos perceber as articulações do partido governista tendo como objetivo central as eleições municipais de 1976 a partir de outubro de 1975, em que descreve reunião entre os chefes do executivo estadual e municipal e vereadores arenistas de Teresina, no Palácio do Karnak⁸.

[...] O assunto em pauta girou em torno do interesse do partido, relativamente às eleições do próximo ano. O senhor Dirceu Arcoverde solicitou dinamização das atividades partidárias e maior empenho de cada um, objetivando conquistar, mais uma vez, *a preferência do eleitorado da capital*. Os vereadores por seu turno, vão apresentar um relatório nos próximos dias ao governador contendo o que eles acham que deve ser feito pelo chefe do executivo, em Teresina, para cada vez mais, *melhorar a imagem do partido* [...] (*O Liberal*, 19/20 out. 1975, p. 6, grifo nosso).

As pressões para o pleito de 1976 foram sentidas de diferentes formas pelos líderes arenistas, sendo que o principal objetivo no momento era controlar o avanço do MDB no país e fazê-lo retroceder. Assim, ao analisar o informe de *O Liberal* sobre as reuniões com os principais nomes da ARENA estadual, percebemos o interesse em que, no Piauí, o partido continuasse com as sucessivas vitórias eleitorais.

Houve no território piauiense a organização de diretórios do MDB em municípios como Teresina, Parnaíba, Piripiri e Esperantina, com adesão de diversas personalidades políticas locais, com anos de carreira e outros que se iniciavam na vida pública. Porém, mesmo com a adesão emedebista às principais demandas políticas da população, o partido não saiu vitorioso no estado em 1974, decerto devido às forças políticas da ARENA serem extremamente fortes na região (Fontineles, 2015; Brandão, 2006). Dessa forma, mesmo que fosse considerado um estado com “pouco peso eleitoral” (Alencastro, 2014, p. 8), era necessária a manutenção, em 1976, da superioridade no número de vereadores arenistas na capital piauiense, haja vista que a força nacional da ARENA se constituía das bases eleitorais fortalecidas em estados e municípios.

⁸ Sede do governo estadual do Piauí.

Para que tal feito fosse alcançado de forma efetiva, o governador Dirceu Arcoverde⁹ assumiu o importante papel de centralizador da ARENA piauiense nas eleições de 1976, pleito que elegeu 113 prefeitos, dos 114 municípios existentes no período (Fundação Cepro, 2012, p. 11). O periódico publicava matérias nas quais evidenciava o papel do governador Dirceu Arcoverde, no sentido de fortalecer a atuação da ARENA no estado¹⁰.

O Liberal inferia que, nas reuniões da ARENA no Piauí, a solicitação de união e o desejo de mudança podiam ser compreendidos como apelos. Tal tom é apresentado pelo jornal ao analisar reunião na cidade de Floriano, na região centro-sul do estado.

[...] A reunião de Floriano, abrilhantada pela presença honrosa do governador Dirceu Arcoverde (como afirmou o presidente na abertura dos trabalhos), coroou-se de pleno êxito, especialmente pelo valioso intercâmbio de opiniões e pontos de vistas emitidos por todos os participantes, sempre harmoniosamente defendendo maior coesão de todos em favor de uma grande vitória nas urnas em 76. Este pedido de união ficou evidenciado nas palavras do presidente José Raimundo Bona Medeiros que disse ser indispensável agora mais do que nunca, uma união maciça dos arenistas do Piauí em busca de um objetivo comum, qual seja, vencer as eleições do próximo ano. O deputado José Raimundo ressaltou ainda que, embora não se consiga evitar as sublegendas, deve-se facilitar ao máximo a participação de todos os correligionários, evitando-se as dissensões no partido, seguindo a orientação ditada pelo presidente Geisel e pelo governador Dirceu Arcoverde (*O Liberal*, 21/22 dez. 1975, p. 2).

O anseio pela vitória da ARENA nas eleições municipais de 1976 está presente no editorial, tal como a crítica veemente à organização do partido feita por seu presidente local. A crítica é relatada em *O Liberal*, ao noticiar sobre a visita de novos filiados da ARENA ao governador Dirceu Arcoverde. Na ocasião, o bissemanário analisa as sublegendas como “facções”, ao descrever sobre o reconhecimento do governador das divergências internas da

⁹ Dirceu Mendes Arcoverde, médico e político piauiense, iniciou a carreira política em 1971, assumindo a Secretaria Estadual de Saúde, no primeiro governo de Alberto Tavares Silva. Foi nomeado governador do Estado do Piauí em 1975 e renunciou ao cargo um ano antes do término do mandato, em 1978, para se candidatar ao Senado. No pleito, o número de votos que recebeu superou o do seu antecessor no governo, Alberto Tavares Silva, sendo eleito. Em seu primeiro discurso no Senado Federal, sofreu um derrame cerebral, falecendo em Brasília seis dias depois (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2020).

¹⁰ Contabilizamos ao todo oito matérias veiculadas no jornal *O Liberal* (11 dez. 1975, p. 1; 11 dez. 1975a, p. 6; 11 dez. 1975b, p. 6; 14/15 dez. 1975, p. 3; 18 dez. 1975, p. 1; 18 dez. 1975, p. 4; 21/22 dez. 1975, p. 2; 21/22 dez. 1975, p. 3) sobre a série de viagens do governador ao interior do estado com o objetivo de se reunir com os diretórios locais e promover entregas de obras públicas.

agregação, que eram, na fala do chefe do executivo, “normais e até mesmo importantes para a dinamização das atividades essencialmente políticas” (*O Liberal*, 27 nov. 1975, p. 4).

Sobre as sublegendas da ARENA, Wilson Nunes Brandão trata como fruto do poder do governador Dirceu Arcoverde, pois analisa que, mesmo sendo considerada uma agregação imbatível no Piauí, a ARENA se tornou “tão grande e poderosa que, em determinado momento, dividiu-se” (Brandão, 2006, p. 92). Ao salientar essas disputas, Cláudia Cristina da Silva Fontineles (2015, p. 70-71) esclarece que era necessário que elas fossem contidas ou mascaradas sob a forma de um suposto consenso entre seus membros:

[...] proibição e recusa do governo central à exposição de qualquer forma de disputas, sobremaneira as internas no partido governamental, as existentes no Piauí [...] não ocorreram de maneira declaradas, posto que receberam o verniz da convivência pacífica exigida aos membros do partido da ARENA, [...]. As disputas internas que permeavam o partido situacionista eram atenuadas [...], procurando tratar as questões de indisposição entre correligionários como marca dos valores morais e éticos que permeavam o governante. Contudo, isso não foi suficiente para suplantar essas divergências.

Percebemos, assim, que as reuniões nos diretórios da ARENA piauiense nos municípios visavam a suplantar as divergências dentro do próprio partido, pois, para a legenda, naquele momento, o fantasma de uma possível vitória emedebista nas eleições de 1976 poderia prejudicar não só o partido regional, mas também o nacional. Além disso, havia o temor pela perda do poder pessoal em cada uma das localidades visitadas pelo governador antes do Ano Novo.

Mesmo com as solicitações do governo estadual para uma união de toda a base aliada da ARENA piauiense, durante o ano de 1975, o que conseguimos identificar, pela análise em *O Liberal*, é que as disputas internas da agregação continuavam intensas, causando dificuldades na condução do partido para uma vitória no pleito municipal em 1976.

Para *O Liberal*, a união que os governos estadual e nacional almejavam para a vitória da ARENA no pleito só ocorreria se a classe política do partido se voltasse para as reais necessidades da população (saúde, educação, economia, saneamento básico, moradia, emprego), pois seria ela que iria às sessões eleitorais em 15 de novembro de 1976 eleger seus novos representantes. A ARENA tentou esse diálogo com classes diversificadas da sociedade brasileira em 1975, por meio da abertura de canais de interlocução com a juventude e a classe

trabalhadora. A aproximação com esses núcleos veio diretamente da cúpula do partido, quando o senador Petrônio Portella anunciou que “a maioria arenista sustentou a tese de que os estudantes e trabalhadores devem participar da vida política do país nas agremiações partidárias” (*O Liberal*, 14/15 dez. 1975, p. 2).

A afirmação do líder arenista se deu após aprovação no Senado de projeto de sua autoria que permitia às agremiações partidárias organizar movimentos estudantis e trabalhistas com direito à representação nos diretórios municipais, regionais e nacionais, integrando-os à ação partidária. Tal fato é percebido quando observamos que, durante a campanha eleitoral de 1974, foi o MDB que se aproximou dos setores jovens, do movimento estudantil que estava em plena rearticulação e da classe trabalhadora assalariada. Segundo Alessandra Carvalho (2012, p. 14), isso “permitiu ao partido estabelecer laços com vários segmentos da sociedade que possibilitaram o fortalecimento político de seus membros e da legenda”. Os trabalhos de aproximação da ARENA piauiense com grupos de estudantes iniciaram antes da aprovação do projeto de lei.

O presidente da executiva regional da ARENA, deputado José Raimundo Bona Medeiros, declarou-se surpreso com o resultado de uma reunião que realizou quarta-feira à noite com jovens universitários, durante a qual eles se mostraram interessados em trabalhar pelo partido.

Cerca de 40 jovens participaram do encontro, em razão do qual o presidente arenista designou o deputado Antônio Neto e o suplente Jesualdo Cavalcante para coordenarem a criação do Departamento da Juventude, como forma de iniciar, desde logo, a dinamização do partido com a participação direta dos jovens (*O Liberal*, 7/8 dez. 1975, p. 6).

A notícia de *O Liberal* sobre o compromisso do presidente da ARENA piauiense com os estudantes universitários da capital, ao mesmo tempo em que noticia os preparativos para reunião em diretório municipal no interior do estado, demonstra a visão do partido para com a eleição de 1976. Nesse pleito, a ARENA se organizou visando à continuidade de seu poder político na região, a partir de uma aproximação com diferentes setores sociais¹¹ e por meio da renovação partidária.

¹¹ A aproximação da ARENA piauiense com a população jovem do estado foi um dos vieses mais comentados em *O Liberal*. Durante o ano de 1976, em diferentes momentos, o bissemanário apresentou a relação dos líderes arenistas no estado com o Diretório Jovem do partido. Algumas das ocasiões foram: *O Liberal*, 15 mar. 1976, p. 5; 20/21 jun. 1976, p. 3.

Entretanto, durante o ano eleitoral, a ARENA permaneceu afastada de boa parte da população e sem uma reformulação partidária concreta, recebendo diversas críticas de membros do próprio partido, como o senador Mattos Leão (ARENA/PR). A fala do senador paranaense foi destaque em *O Liberal* (26 fev. 1976, p. 3), ao declarar que o partido necessitava de reformulações “com base no consenso político e atendendo tanto aos interesses democráticos quanto aos de segurança interna”. Percebemos que o intuito da redação do jornal *O Liberal*¹², ao reproduzir falas de arenistas críticos do próprio partido, era demonstrar ao público leitor a necessidade da reforma e renovações partidárias nas duas agremiações políticas do período: ARENA e MDB.

O sistema político brasileiro que nos diversos estados da Federação ‘pega fogo’, clamando por renovação, deve também atingir o Piauí cujo atraso em grande parte devemos a uma conservação antidemocrática, o que poderíamos dizer, a um vício eleitoral dos currais urbanos e suburbanos de uma gente ou de um estado genuinamente oligarca.

Os candidatos novos que nos acenam, mesmo que não tragam em si todos os requisitos indispensáveis para o exercício da vereança, são melhores para a opção do eleitorado, é que não possuindo currais eleitorais, nem compromisso subalternos com grupos oligarcas, muito mais poderão oferecer ao município teresinense.

Não temos inimigos na Câmara Municipal, pelo contrário, [...] porém somos daqueles que pensamos não ser o cargo eletivo um emprego, portanto necessariamente passiva de renovação dos seus valores.

[...] *Votaremos* nos candidatos da ARENA, mas votaremos nos candidatos novos que ainda não se corromperam, nem se deixaram dominar pelo terrível sentimento possessivo do Poder e que apenas servem para emperrar a coisa pública, e criar obstáculos ao advento de uma situação boa (*O Liberal*, 18/19 jun. 1976, p. 1).

O texto apresenta a política piauiense como uma oligarquia perpetuada pelo voto de cabresto, a partir do qual a sociedade se mantém no continuísmo político, sem perspectivas de renovação. Tal sucessão política poderia ser modificada no pleito de 1976, devido ao aumento no número de possíveis candidatos para um primeiro pleito a serem analisados pelos eleitores da ARENA¹³.

¹² A redação do jornal no período era composta por Maria Edith d’Anunciação Carvalho (proprietária) e por uma de suas irmãs, Maria José Martins Carvalho (*O Liberal*, 19 fev. 1976, p. 2).

¹³ Esse não foi o único texto publicado por *O Liberal* que tratava de renovação política para as eleições de 1976. Outros escritos que podemos colocar como exemplos são: “O Desestímulo político” (*O Liberal*, 20 jan. 1972, p. 1), em que critica a falta de mudanças nos quadros políticos do estado por mais de uma década, que provocou

A crítica ao continuísmo político na Câmara Municipal de Teresina é tecida por *O Liberal* ao mesmo tempo em que elogia os membros da referida casa política, invocando, assim, o caráter dúbio da posição do jornal, que afirmava categoricamente não possuir inimigos políticos. Tal afirmação é contraditória, ao recuperarmos a memória do ex-editor do jornal, Homero Castelo Branco, em entrevista. O ex-editor apresentou Maria Edith d’Anunciação Carvalho como uma jornalista que não era adepta ao patrocínio de um determinado agente “político [...] ela não fazia aquilo de esquerda e de direita” (Castelo Branco, 2019, informação verbal)¹⁴.

O texto reafirma, porém, o compromisso do corpo editorial do jornal com a ARENA ao escrever “votaremos nos candidatos da ARENA”, mesmo havendo dentro do jornal apoio a políticos emedebistas no pleito de 1974, como Celso Coelho Barros (*O Liberal*, 31 jan. 1975, p. 3). Tal afirmação explicita o apoio de *O Liberal* ao ideário político arenista, em meio às críticas sobre o vício eleitoral e de uma conservação antidemocrática e sem rearranjos na cena política local.

No Arquivo Público do Piauí não existem edições de *O Liberal* referentes ao mês de novembro de 1976, portanto não se tem a visão do periódico no mês das eleições. Todavia, no último número disponível antes do pleito, há a seguinte nota na coluna Setas & Flechas.

A realidade é que os candidatos do MDB levaram vantagem nos seus comícios. Não se sabe se é a maneira como a ARENA vem agindo com o *povão* ou se a situação de vítima em que se encontra a oposição. [...] E esse povo está tomando pé de toda a situação financeira do Estado e das desavenças entre o próprio governo e suas alas. Só resta agora a ARENA procurar outros meios para levar em frente a sua campanha, pois, se assim continuar, definitivamente o MDB levará vantagem no pleito que se aproxima (*O Liberal*, 31 out. 1976, p. 3).

um desinteresse por parte da população, um conformismo político. Já em “Renovação política” (*O Liberal*, 15 mar. 1976, p. 8), a equipe editorial do bissemanário faz uma previsão dos resultados das eleições que ocorreriam oito meses depois, quando descreve: “É certo que predominarão as mentalidades do passado, os métodos do passado, o gosto do passado, através da escolha de nomes que não podem oferecer nada de novo ao Piauí. [...] Não iremos aqui indicar nomes de futuros candidatos ou de candidatos que se apresentam ao eleitorado piauiense. Temos a salientar que os jovens constituem uma esperança para o futuro do estado, não só pelo fato de serem jovens e estarem mais decididos a empregar em sua ação os métodos modernos, mas sobretudo porque os moços têm uma mensagem diferente a transmitir aos que vivem nesta época em que rapidamente transmuda [...]”.

¹⁴ CASTELO BRANCO, Homero. Entrevista oral concedida à Alessandra Lima dos Santos. Teresina, 18 ago. 2019.

A narração do bissemanário é de que, mesmo com todas as medidas tomadas pela ARENA em 1974 e 1976 para que ocorresse a vitória do partido no pleito municipal, as últimas atualizações sobre a campanha levavam *O Liberal* a acreditar em uma vitória emedebista, pelo menos na capital (*O Liberal*, 31 out. 1976, p. 3). A tática adotada pelos candidatos emedebistas durante a campanha de 1976, em Teresina, diante dos empecilhos durante seus comícios, é vista pelo jornal como uma aproximação dos candidatos com os eleitores por meio de uma identificação e compartilhamento da situação financeira do estado, além das diferentes intrigas envolvendo os membros do governo (*O Liberal*, 31 out. 1976, p. 3).

Ao contrário do que *O Liberal* previu, a ARENA saiu vencedora no pleito em Teresina, elegendo 11 novos vereadores contra os 6 do MDB. Porém, ao compararmos os votos de legenda nas duas eleições municipais da década de 1970, percebe-se um crescimento no número de votos para o MDB em oposição à ARENA. Em 1972, o partido governista alcançou a marca de 305 votos contra 469 da oposição; já no pleito de 1976 a ARENA alcançou 603 votos contra 1.322 votos do MDB.

Daniel Aarão Reis (2014, p. 99), ao analisar os resultados da eleição de 1976 no cenário nacional, considera a ARENA como vitoriosa, pois, mesmo não repetindo “a vitória de 1972, [...] elegeu 3.176 prefeitos contra apenas 614 do MDB. Onde houve disputa, a ditadura venceu em 2.079 municípios contra 499 vitórias da oposição”.

Considerações finais

Ao analisar a linha editorial d'*O Liberal*, observou-se que entre os temas mais recorrentes estava a defesa da participação política direta da sociedade na escolha de seus governantes, embora manifestasse em suas páginas expresso apoio ao sistema político vigente no país durante a década de 1970. Essa ambiguidade marca a linha editorial do bissemanário, em que ora defendia o sistema democrático, ora denominava de “revolução” a interrupção democrática sentida no país em 1964, assim como publicava matérias que lhe eram favoráveis.

Apesar das contradições em sua linha editorial, à medida que o regime se desgastava na condução social, econômica e política do país, o periódico manifestava o desejo por reformas eleitorais, defendendo o direito da sociedade de escolher diretamente seus representantes, como um sistema democrático. Mesmo que os representantes do governo e da ARENA afirmassem

que o país vivia a fase mais democrática de sua história, o bissemanário publicava matérias contrárias, evidenciando o desgaste do sistema autoritário e o desejo de expressiva parcela da sociedade por participação política direta na escolha de seus representantes políticos.

Observamos que o jornalismo político desenvolvido em *O Liberal* explicitava as divergências partidárias e de pensamento político vigentes no país, contrariando a postura defendida pelo governo em relação a uma suposta harmonia política e social.

Nas páginas do periódico foram noticiadas as distorções do sistema bipartidário. Ao fazer isso, *O Liberal* terminou por também explicitar as demandas sociais, econômicas e políticas que afligiam o país e o Piauí. Assumiu, assim, uma postura crítica frente à defesa da abertura democrática, sobretudo em relação à falta de uma efetiva democracia representativa, evidenciadas pelo cerceamento na liberdade de pensamento, de imprensa, de opinião e de expressão e os direitos de reunião e associação.

Nesta pesquisa, conseguimos acompanhar uma série de disputas que marcaram a sociedade piauiense durante a década de 1970, especialmente no período eleitoral de 1976. Nesse contexto, a mídia local, representada pelo jornalismo construído por *O Liberal*, revelou a quebra da hegemonia da ARENA logo após o pleito de 1974, embora a agremiação política tenha conseguido se reerguer para as eleições legislativas dois anos depois. O desgaste arenista em âmbito nacional após 1974 e a busca pela manutenção do poder, tanto nacional como localmente, nas legislativas municipais de 1976, propiciaram críticas à conjuntura política do período.

Essas matérias contribuíram, à sua maneira e mesmo de forma contraditória, para explicitar o desgaste do sistema político autoritário vigente no país e para promover debates em defesa da reabertura democrática, favorecendo para que a pauta da democracia ganhasse espaço nas redações dos jornais locais e repercutisse no seio social.

Referências

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. O golpe de 1964 e o voto popular. **Novos estudos**. São Paulo, n. 98, p. 5-11, mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n98/01.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2024.

BRANDÃO, Wilson Nunes. **Mitos e lendas da política piauiense**. Teresina: Zodíaco, 2006.

BRASIL. **Ato Institucional n. 5**, de 13 dez. 1968. São mantidas a Constituição de 24 de janeiro de 1967 e as Constituições Estaduais; O Presidente da República poderá decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1. Brasília, 13 dez. 1968. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm. Acesso em: 28 jul. 2020.

CARVALHO, Alessandra. Democracia e desenvolvimento versus segurança e desenvolvimento: as eleições de 1974 e a construção de uma ação oposicionista pelo MDB na década de 1970. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 28, n. 48, p. 557-558, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/vh/v28n48/05.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 24 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Dirceu Mendes Arcoverde. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2020. Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/dirceu-mendes-arcoverde>. Acesso em: 28 fev. 2020.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**. São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/2221/1322>. Acesso em: 27 ago. 2022.

FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. **O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na História do Piauí**. Teresina: EDUFPI, 2015.

FUNDAÇÃO CEPRO. Piauí em números. 9. ed. Teresina, 2012. Disponível em: http://www.cepro.pi.gov.br/download/201306/CEPRO07_8a8208d146.pdf. Acesso em: 18 abr. 2024.

JEANNENEY, Jean-Noël. A mídia. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 213-230.

MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'água, 2004. p. 14-40.

O LIBERAL. O desestímulo político. **O Liberal**, Teresina, ano 3, n. 298, p. 1, 20 jan. 1972.

O LIBERAL. Konder Reis: Revolução estabelece no Brasil a democracia autêntica. **O Liberal**, Teresina, ano 6, n. 632, p. 3, 23 jan. 1975.

O LIBERAL. Celso Barros entra hoje. **O Liberal**, Teresina, ano 6, n. 641, p. 3, 31 jan. 1975.

O LIBERAL. Arena discute Eleições-76. **O Liberal**, Teresina, ano 6, n. 747, p. 6, 19/20 out. 1975.

O LIBERAL. Arenistas visitaram Dirceu no Karnak. **O Liberal**, Teresina, ano 6, n. 758, p. 4, 27 nov. 1975.

O LIBERAL. Arena tem adesão da juventude. **O Liberal**, Teresina, ano 6, n. 760, p. 6, 7/8 dez. 1975.

O LIBERAL. Viagens ao interior e reuniões da ARENA. **O Liberal**, Teresina, ano 6, n. 761, p. 1, 11 dez. 1975.

O LIBERAL. Dirceu retorna e fala à imprensa. **O Liberal**, Teresina, ano 6, n. 761, p. 6, 11 dez. 1975a.

O LIBERAL. Governador inaugura água em Bertolínia. **O Liberal**, Teresina, ano 6, n. 761, p. 6, 11 dez. 1975b.

O LIBERAL. Estudantes e trabalhadores serão integrados na política. **O Liberal**, Teresina, ano 6, n. 762, p. 2, 14/15 dez. 1975.

O LIBERAL. Dirceu pede união da ARENA para as eleições. **O Liberal**, Teresina, ano 6, n. 762, p. 3, 14/15 dez. 1975.

O LIBERAL. Dirceu vai hoje ao interior. **O Liberal**, Teresina, ano 6, n. 763, p. 1, 18 dez. 1975.

O LIBERAL. Governador inaugura obras e entrega CIRETRAN em Uruçuí. **O Liberal**, Teresina, ano 6, n. 763, p. 4, 18 dez. 1975.

O LIBERAL. Arena prega maior coesão no interior para as eleições. **O Liberal**, Teresina, ano 6, n. 764, p. 2, 21/22 dez. 1975.

O LIBERAL. Dirceu inaugura obras em mais quatro cidades. **O Liberal**, Teresina, ano 6, n. 764, p. 3, 21/22 dez. 1975.

O LIBERAL. ARENA traça plano de ação. **O Liberal**, Teresina, ano 6, n. 773, p. 1, 23 jan. 1976.

O LIBERAL. Expediente. **O Liberal**, ano 6, n. 781, p. 2, 19 fev. 1976.

O LIBERAL. Mattos Leão quer a reforma partidária. **O Liberal**, Teresina, ano 6, n. 782, p. 3, 26 fev. 1976.

O LIBERAL. Dirceu garante apoio ao grupo jovem da ARENA. **O Liberal**, Teresina, ano VI, n. 788, p. 5, 15 mar. 1976.

O LIBERAL. Renovação política. **O Liberal**, Teresina, ano 6, n. 788, p. 8, 15 mar. 1976.

O LIBERAL. Candidatos novos. **O Liberal**, Teresina, ano 6, n. 916, p. 1, 18/19 jun. 1976.

O LIBERAL. Dirceu no encerramento do simpósio da ARENA Jovem. **O Liberal**, Teresina, ano 6, n. 908, p. 3, 20/21 jun. 1976.

O LIBERAL. Sem festas. **O Liberal**, Teresina, ano 6, n. 916, p. 1, 18/19 jul. 1976.

O LIBERAL. Setas & Flechas. **O Liberal**, Teresina, ano 6, n. 936, p. 3, 31 out. 1976.

REIS, Daniel Aarão. Vida política. In: REIS, Daniel Aarão (org.). **Modernização, ditadura e democracia: 1964-2010**. v. 5. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 75-125.

SCHMITT, Rogério. **Partidos políticos no Brasil: 1945-2000**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar. Livro eletrônico. 2000 posições.

SOARES, Alessandro O.; TAUIL, Rafael M.; COLOMBO, Luciléia. O bipartidarismo no Brasil e a trajetória do MDB. **Sinais**, Vitória, n. 19, p. 7-29, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/sinais/article/viewFile/13215/9743>. Acesso em: 25 jul. 2020.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO PIAUÍ - TRE. Eleições 1970 - Resultado para Senador, Supl. Senador, Dep. Federal e Dep. Estadual. [Teresina, 1970]. Disponível em <http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tre-pi-resultado-eleicao-para-senador-suplente-senador-deputado-federal-deputado-estadual-1970>. Acesso em: 20 abr. 2024.

Submetido em: 10.05.2024

Aprovado em: 12.06.2024